

0-92568902

BIBLIOTECA UNEMAT	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT	
RG N°	00114 457
DATA	06 / 06 / 2008
() Compra (X) Doação () Permuta	

não

BIBLIOTECA UNEMAT	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT	
RG N.º	00114 457
Data	06 / 06 / 2008
() Compra (X) Doação () Permuta	

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Gisleine Gonçalves de Souza

SMILINGÜIDO: O DISCURSO RELIGIOSO DE UMA GRIFE

81'42
572522
ex.01

Pontes e Lacerda/MT
2007/2

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

Gisleine Gonçalves de Souza

SMILINGÜIDO: O DISCURSO RELIGIOSO DE UMA GRIFE

Trabalho de Conclusão de Curso
para obtenção do Grau de
Licenciada em Letras no Campus
Universitário de Pontes e Lacerda –
Universidade do Estado de Mato
Grosso – UNEMAT.

Orientadora:
Prof^ª. Dr^ª. Eliana de Almeida

Pontes e Lacerda/MT
2007/2

Professora Doutora Eliana de Almeida (Orientadora)
Departamento de Letras
UNEMAT

Professor:

Membro da Banca Examinadora

Professor:

Membro da Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

Ao meu marido Adjayme,
amor, desejo, loucura, respeito, cumplicidade, companheirismo, objetivo,
grande realização...

À Luana,
princesa, filha amada, encanto, proteção...

Aos meus futuros filhos,
bem vindos...

À Lúcia,
mãe, orgulho, admiração, companheira, motivação, objetivo...

À minha mãe,
crescimento, respeito, amor, compreensão...

À professora Eliana,
conversa, aula, respeito, discurso, conhecimento...

Ao meu irmão Jéferson,
carinho, motivação, respeito...

Aos meus vizinhos,
barulho, som, briga...

Ao meu marido, eterno amor da
minha vida, minha filha, minha tia
e minha mãe, que produzem o
sentido da minha vida.

A eternidade é o dia de hoje, a hora de realizar, seja o que for, é agora. Não dá para prever o futuro, que pode nem chegar. Por isso, vivo livre de amarras, vivo o presente como presente mesmo, que chega a cada manhã, com meu nome escrito, com laço de fita e papel bonito.

Gisleine – (2007)

RESUMO

As nuances coloridas douram a pílula, mas os sentidos produzidos são os mesmos do *discurso religioso* estampado na grife *Smilingüido*. Os sentidos na grife *O Smilingüido* apresentam-se de forma divertida e colorida, mas cumprem rigorosamente com o ritual do *discurso religioso* ao capturar o sujeito –ouvinte/leitor – no lugar já atribuído pela ordem discursiva religiosa e pedagógica.

Palavras-chave: Discurso – Infantil – Coerção – Assujeitamento – Ideologia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
I – SOCIEDADE DISCIPLINAR X SOCIEDADE DE CONTROLE	11
II – SMILINGÜIDO: O COMENTÁRIO DE UM DISCURSO FUNDADOR.....	16
III – O VERBAL NO NÃO-VERBAL	22
IV – FORMAS DE TRATAMENTO	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

INTRODUÇÃO

A Análise de Discurso, segundo Orlandi (1999) contribui para percebermos que não podemos não estar sujeitos à linguagem, a seus equívocos, à sua opacidade. Pois não há neutralidade ideológica nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos, assim a Análise de Discurso ao problematizar as maneiras de ler, leva o sujeito ou o leitor a se colocarem nas diferentes manifestações da linguagem.

Os pressupostos da Análise de Discurso em problematizar as maneiras de ler, nos levaram a definir como material empírico de análise e constituição do corpus, as inscrições religiosas dos produtos da grife *Smilingüido*.

Nossa questão centra-se no fato de que as nuances de cores que douram a pílula do *discurso religioso* nas mercadorias dessa grife, não mudam os sentidos, por isso pretendemos analisar os modos pelos quais o discurso religioso investe força capital em uma modalização diferenciada da linguagem infantil. Face ao dispositivo teórico da interpretação da Análise de Discurso, buscaremos compreender os sentidos produzidos nessa modalização da linguagem, na qual a discursividade religiosa, por meio da motivação da forma e do colorido, direciona os produtos *Smilingüido* à um público consumidor específico, instituindo a posição sujeito infantil religiosa.

O discurso religioso define-se pelo desnivelamento na relação entre locutor e ouvinte: o locutor é do plano espiritual (o Sujeito, Deus) e o ouvinte é do plano temporal (os sujeitos, os homens). Como afirma Orlandi (1999), locutor e ouvinte pertencem a ordens de mundos diferentes, regidos por um valor hierárquico de desigualdade em suas relações: o mundo espiritual domina o temporal.

Pela noção de reversibilidade, os lugares do locutor e do ouvinte definem um pelo outro em relação ao processo discursivo. Em se tratando de um discurso autoritário, embora não haja reversibilidade de fato é a ilusão

de reversibilidade que sustenta esse discurso, ou seja, a ilusão de movimento na relação de interlocução.

Pretendemos direcionar a análise demonstrando o funcionamento discursivo da materialidade simbólica dessa grife que põe em evidência a carga ideológica para inculcação da fé religiosa, pelo caráter autoritário que configura o discurso religioso. Com o objetivo de compreender os processos de constituição de sentidos do discurso religioso, numa injunção com os discursos pedagógicos e publicitário, na linguagem modalizada para o sujeito infantil da grife Smilingüido, que trata-se de um ritual próprio que aprisiona o ouvinte no lugar que lhe é atribuído pela autoridade do religioso e do pedagógico.

I – SOCIEDADE DISCIPLINAR X SOCIEDADE DE CONTROLE

No discurso religioso há um desnivelamento fundamental na relação entre locutor e ouvinte: o locutor é do plano espiritual (Deus) e o ouvinte é do plano temporal (os homens). Pela noção de reversibilidade, os lugares do locutor e do ouvinte se definem um pelo outro em relação ao processo discursivo. A reversibilidade não está em se poder falar também, ou se poder falar diretamente, pois não mudará a sua posição de assujeitamento. Assim, o discurso religioso tende fortemente para a monossemia, pois os sentidos não podem ser quaisquer uns. A ideologia determina o espaço da sua racionalidade pela linguagem, o funcionamento da ideologia transforma a força em direito e a obediência em dever.

Podemos entender que na definição de sujeito religioso considera-se uma subjetividade livre e um ser submetido, provido de liberdade, principalmente para aceitar livremente a sua sujeição. Uma assimetria fixa a relação de interlocução que constitui o discurso religioso, caracterizado pela tendência da não-reversibilidade, pois os homens não podem ocupar o lugar do locutor, porque este é o lugar de Deus.

Devido ao enfraquecimento da ordem religiosa, da dúvida e da incerteza pela crença, ocorre a ascensão do jurídico e a idéia de um sujeito livre e proprietário, visando indiretamente à nova forma de assujeitamento do sujeito ao Estado.

Na modernidade, pois a partir da Idade Média o homem teve sua verdade abalada pela ciência, deixa-se de existir uma única verdade religiosa da realidade, para existir verdades. Ressaltando a hipótese de Foucault em "A ordem do discurso" (1970) que em toda sociedade a produção do discurso é simultaneamente controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos, observamos que em uma Sociedade Disciplinar a partir de uma ordem religiosa, esses procedimentos têm por papel exorcizar os poderes e os perigos; e numa

Sociedade de Controle , subordinada ao Estado, têm o papel de refrear o acontecimento aleatório, disfarçar a sua pesada e temível materialidade.

Foucault apresenta três grandes sistemas de exclusão que incidem sobre o discurso: o interdito, a divisão entre razão e loucura e a vontade de verdade. Os *interditos* que atingem o discurso, ou seja, o fato de não termos o direito de falar tudo em qualquer circunstância, quem quer que seja, não pode falar do que quer que seja, revelam o seu vínculo com o desejo e o poder. Na *oposição da razão e da loucura*, o discurso do louco não pode transmitir-se como o dos outros, pois sua palavra na vale e não existe. O terceiro sistema de exclusão é a *oposição entre o discurso verdadeiro e falso*, ou seja, um discurso se estabelece, como por exemplo na Sociedade Disciplinar, pois o discurso verdadeiro pelo qual se tinha respeito e terror, ao qual era necessário submeter-se porque reinava, era o discurso pronunciado por quem de direito e segundo o ritual requerido.

Devido a estrutura social capitalista, ocorreu uma atomização da sociedade por explosões dos grupos que a estruturavam, após o apogeu da fé cristã com a extinção do desejo próprio, emerge um desejo articulável. Deixa de reinar o coletivo para dominar o individualismo. O homem deixa de estar totalmente à mercê da determinação religiosa, assujeitado à religião, para ser interpelado pelo controle do Estado, de forma mais insidiosa e assim ter a ilusão de onipotência. Foucault (2004) observa que ocorreu uma humanização das penas pela justiça moderna, pois como ressaltamos, a sociedade não visa mais disciplinar e sim ter o controle de forma mais insidiosa. As regras autorizam e exigem a suavidade, como uma economia calculada do poder de punir. Exigem também um deslocamento no ponto de aplicação desse poder: que não seja mais o corpo, com o jogo ritual dos sofrimentos, das marcas ostensivas no ritual dos suplícios da Idade Média, que seja o espírito, ou antes, um jogo de representações e de sinais que circulem discretamente, mas com a necessidade e evidência no espírito de todos.

Antes, visava-se exorcizar os poderes e os perigos na produção do discurso, em uma sociedade disciplinar a partir de uma ordem religiosa, o

terror era o suporte do exemplo, com o suplício corporal: medo físico, pavor coletivo imagens que devem ser gravada na memória dos espectadores, como a marca na face ou no ombro do condenado.

Contudo, em uma sociedade de controle, a submissão dos corpos é pelo controle das idéias. Agora o suporte do exemplo é a lição, o discurso, o sinal decifrável, a encenação e a exposição da moralidade pública.

Nossa sociedade não é de espetáculo, mas de vigilância, o indivíduo não é amputado, reprimido, alterado por nossa ordem social, mas é cuidadosamente fabricado, segundo uma tática das forças e dos corpos. Essa tecnologia minuciosa e calculada da sujeição, substitui a forma de poder tradicional da era clássica, que eram rituais, dispendiosos e violentos que caíram em desuso.

O aparelho religioso não é mais capaz de, por si mesmo enquadrar o sujeito, a partir de uma determinação religiosa. O Estado, diante dessa situação nova, estabelece formas novas de controle do sujeito. Assim, podemos observar os procedimentos de controle definidos por Foucault (1970), que visam refrear o acontecimento aleatório e disfarçar a sua materialidade. Trata-se de procedimentos internos, pois chegou o dia em que a verdade se deslocou do ato ritualizado de enunciação para o próprio enunciado, para o seu sentido, a sua forma, o seu objeto. Como se tratasse agora, de dominar uma outra dimensão do discurso, a do acontecimento e do acaso.

Ressaltando a definição de Haroche (1992) sobre o deslocamento da subordinação do homem ao discurso religioso por uma subordinação menos visível e mais insidiosa, pois insiste precisamente na idéia de um sujeito livre e não determinado quanto a suas escolhas, observamos que com o sujeito-de-direito emerge um desejo articulável, ou seja, controlável.

Os procedimentos que permitem o controle dos discursos, exorcizam os acasos de seu aparecimento, determinam as condições de seu emprego, impõem aos indivíduos que os proferem um certo número de regras e não permitem que todos tenham acesso a eles. São eles: o comentário, pois existem os discursos fundamentais e a massa daqueles que

repetem, glosam e comentam esses discursos. Assim, “a multiplicidade aberta, o acaso são transferidos, pelo princípio do comentário, daquilo que arriscaria ser dito, para o número, a forma, a máscara, a circunstância da repetição.” (Foucault, 2001:26). A disciplina é outro princípio de limitação que permite construir, mas conforme um jogo restrito define-se por um domínio de objetos, um conjunto de métodos, um corpus de preposições consideradas verdadeiras, um jogo de regras e de definições, de técnicas e de instrumentos. Trata-se de um princípio de controle da produção do discurso, fixando os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras.

Outro princípio de rarefação de um discurso que é complementar ao primeiro é o autor, pois se trata de um princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência.

Como expõe Foucault:

Tem-se o hábito de ver na fecundidade de um autor, na multiplicidade dos comentários, no desenvolvimento de uma disciplina, como que recursos infinitos para a criação dos discursos. Pode ser, mas não deixam de ser princípios de coerção; e é provável que não se possa explicar seu papel positivo e multiplicador, se não se levar em consideração sua função restritiva e coercitiva. (Foucault, 2001:36).

O terceiro grupo de procedimento que permitem o controle dos discursos, trata-se de determinar as condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim de não permitir que todo mundo tenha acesso a eles. Rarefação, desta vez, dos sujeitos que falam, pois:

Os discursos religiosos, terapêuticos e em parte também políticos, não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos. (Foucault, 2001:39).

Esses procedimentos de rarefação de sujeitos são: as sociedades de discursos, cuja função é conservar ou produzir discurso, mas para fazê-los circular e um espaço fechado, distribuí-los somente segundo regras estritas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição. A doutrina que questiona o sujeito que fala através e a partir do enunciado, realizando uma dupla sujeição: dos sujeitos que falam aos discursos e dos discursos ao grupo dos indivíduos que falam.

Assim, o sistema de sujeição do discurso segundo Foucault, (2001) é formado pelos rituais da palavra, pelas sociedades de discurso, pelos grupos doutrinários e pelas apropriações sociais.

Portanto, na Sociedade Disciplinar, a verdade está no ato ritualizado de enunciação. Essa submissão a Deus, ao texto, é substituída na Sociedade de Controle por uma crença na letra, na cifra, na precisão; crença menos visível, pois se consagra a idéia de autonomia, de liberdade, de não determinação do sujeito, a idéia de que o sujeito não é controlável. Que ninguém se deixe enganar, mesmo na ordem do discurso verdadeiro, mesmo na ordem do discurso publicado e livre de qualquer ritual como no discurso da grife Smilingüido, se exercem ainda forma de apropriação de segredo e de não-permutabilidade.

II – SMILINGÜIDO: O COMENTÁRIO DE UM DISCURSO FUNDADOR

Na ordem arriscada do discurso, na qual Foucault (2001:15) entra para desvendar a relação entre as práticas discursivas e os poderes que as permeiam, ressaltamos que a separação entre o verdadeiro e o falso, que é um procedimento de rarefação do discurso e rege nossa vontade de saber, foi historicamente constituída. A partir de Platão certa divisão se estabeleceu, separando o discurso verdadeiro e o discurso falso. Tratou-se de uma separação nova, porque o discurso verdadeiro deixou de estar ligado ao exercício do poder. Assim, “o sofista é enxotado, pois ensinavam a arte de convencer não através da busca da razão, mas da manipulação de crenças e interesses de metáforas, ambigüidades e ilusões”. Essa divisão histórica deu sua forma geral à nossa vontade de saber.

Tudo se passa como se, a partir dessa divisão platônica, a vontade de verdade tivesse sua própria história, que não é a das verdades que constroem ao impor certa posição, certo olhar e certa função. Essa vontade de verdade apóia-se sobre um suporte institucional, exercendo sobre os discursos uma espécie de pressão e um poder de coerção. Contudo, o discurso verdadeiro não reconhece a vontade de verdade que o atravessa, e assim ignoramos sua função de conjurar os poderes e perigos da produção do discurso, como também seu domínio do acontecimento aleatório, para esquivar sua pesada e temível materialidade, aparecendo somente aos nossos olhos uma verdade que seria a da riqueza e da fecundidade. Observamos que se trata de uma força doce e insidiosamente universal.

Existem muitos procedimentos de controle e delimitação do discurso, como define Foucault (2001): os **externos**, que como ressaltamos funcionam como sistemas de exclusão, pondo em jogo o poder e o desejo; como também temos os procedimentos **internos**, que submetem outra dimensão do discurso, a do acontecimento e do acaso.

O comentário trata-se de um procedimento interno, de limitação dos discursos. Pois existem os discursos fundamentais ou criadores, que são os textos religiosos, jurídicos, literários e também em certa medida os textos científicos. E existe a massa daqueles discursos que repetem, glosam e comentam sobre os discursos fundadores. Ocorre uma relação que não cessa de se modificar através do tempo; relação que toma em uma época dada, formas múltiplas e divergentes.

A Bíblia, que se funda pela tradição oral, coloca-se para o mundo ocidental cristão como o discurso primeiro, fundador, constituindo-se na Narrativa por excelência. Tomaremos das reflexões de Almeida (2000) sobre a hagiografia¹, esta enquanto texto do gênero literário inscrito na narrativa maior, com o surgimento dos calendários litúrgicos e com as comemorações passa a administrar a vida dos cristãos, a organizar os sentidos do seu presente e a expandir-lhes o tempo de sua existência.

A autora define que este gênero literário, a hagiografia, constitui-se no espaço de interpretação próprio, para a fertilização da doutrina cristã², devido sua inscrição nas Escrituras Sagradas. Esta enquanto narrativa por excelência, funda os sentidos do religioso e compõe o enredo dos processos narrativos no ocidente cristão.

Podemos refletir que tanto essas narrativas sobre os santos como as narrativas da grife *Smilingüido* são práticas discursivas do procedimento interno de limitação do discurso. Pertencem a massa daqueles discursos que repetem, glosam e comentam sobre o discurso fundador, ao se inscreverem nas Escrituras Sagradas. Em ambas, o extraordinário e o miraculoso são narrados sob o pretexto de um fim, cujos sentidos já são dados ao leitor. Ele não é livre para interpretar a história como quiser. Com isso “o episódio narrado atinge, além do propósito de estabelecer uma norma de fé e prática, o caráter também (in)formativo”. (Almeida, 2000:27).

¹ Narrativa hagiográfica, é aquela cujo protagonista é ‘santo’. CANDOLO-Câmara, Teresa. *Viagens medievais ao paraíso terreal – que os homens, àquela época, ainda encontravam n’alguma ilha*. Campinas, SP. [s.n.], 1996.

² Doutrina, nos termos de Foucault, em:

A ordem do discurso. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 7ª Edição. Edições Loyola: São Paulo, 2001

Assim, do mesmo modo que a narrativa sobre os santos constitui-se no *exemplum*, enquanto texto, pois se trata de um discurso que “diz” sobre um já “dito”, sobre um discurso fundador, para exortação e edificação do sujeito-fiel, estabelecendo no interdiscurso as possibilidades para a composição do enredo histórico do mundo cristão, do mesmo modo se dá o funcionamento discursivo das narrativas e inscrições religiosas da grife *Smilingüido*.

É possível observar que o traço na inscrição “Bem-me-quer” (fig. 2) remete ao sentido da palavra Bem, que não se trata de um vocativo, nem tampouco de um advérbio, mas de um substantivo o *Bem*, estabelecendo possibilidades para prescrever o ideal de comportamento para o mundo cristão. A linguagem, a forma e os personagens das narrativas são diferentes, mas os sentidos produzidos são os mesmos, visam a inculcação da fé religiosa.

É nesses termos que “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (Foucault, 2001:26), à medida que o discurso religioso materializado na grife *Smilingüido* mantém-se sob a mesma ordem discursiva de sempre, no entanto encarnado em formas e cores sedutoras, produzindo o efeito de novo, de reformulação de conceitos.

O comentário limita o acaso do discurso pelo jogo de uma identidade que tem a forma da repetição e do mesmo. Os efeitos de sentido se materializam no texto, porém não nascem nele, nem no escritor, como se este fosse a fonte, pois os sentidos são historicamente constituídos. Assim, para Orlandi (1996:112), pode-se entender, a partir de Maingueneau (1993:42), que “a dêixis fundadora deve ser compreendida com a situação de enunciação anterior que a dêixis atual utiliza para a repetição, de onde ela tira em grande medida, sua legitimidade.”

Assim, a relação intertextual estabelecida entre as narrativas com as Escrituras Sagradas, vai além da questão do conteúdo localizado até à historicidade e a memória discursiva constituída no texto. Essa discursividade é construída pela intertextualidade dessas narrativas com as Sagradas Escrituras, ou seja, o mesmo se repete diferentemente em

diferentes textos, e estes vão sustentando e naturalizando os sentidos do religioso.

Em um cartão *Smilingüido* temos a inscrição “O Senhor é um alto refúgio em tempo de angústia” (figura 1). Entre parênteses está a informação “conforme o Salmo 9:9”. Considerando que o Salmo 9:9 diz: “O Senhor é um abrigo para os que são perseguidos; ele os protege em tempos de aflição”. Observamos que o Salmo traz uma informação para os que são perseguidos, já a inscrição no cartão trata-se de uma afirmação a qual é retratada no desenho:



Figura 1

Brinca-se com o termo alto refúgio, pois “o Senhor é um alto refúgio”, mas temos o personagem voando em um avião sobre os perseguidores. Por meio de uma linguagem colorida e divertida, mas que não deixa de ser a forma pedagógico-catequética de divulgação da fé cristã. Constatamos que “o comentário conjura o acaso do discurso fazendo-lhe sua parte: permitindo dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto mesmo seja dito e de certo modo realizado”. (Foucault, 20001:26).

A voz do leitor ecoa sobreposta à própria fala da posição sujeito religioso, o qual se identifica com o personagem e faz sua, a fala do personagem, funcionando como que um discurso direto livre, nos termos de Waldman, (1989:100), quando de seus ensaios sobre a obra literária de Dalton Trevisan. Segundo a autora:

A linguagem cristalizada reinstitui, de certo modo, uma mediação equiparável à do narrador, ao mesmo tempo em que mantém obscuro o espaço de enunciação. Quem fala, afinal? A resposta a essa pergunta propõe um paradoxo, porque se trata da figura de uma não-figura, o rosto do que carece de rosto, e o resultado, em termos de discurso, é algo como um discurso direto livre, em que as marcas gramaticais são as de uma primeira pessoa, mas outra conta através dela. (Waldman, 1989:100)

Tomando a definição de Waldman (1989:100) sobre essas narrativas estruturadas a partir do discurso direto (1ª pessoa), na qual ressalta:

O uso da linguagem clichê como um dos responsáveis pela implantação do espaço vazio no interior da linguagem. Como seu uso predica a ausência de sujeito, a primeira pessoa que "fala" (discurso direto) na verdade é falada, transformando-se o discurso direto numa categoria que classifico como discurso direto livre. (Waldman, 1989:100)

Essas afirmações nos possibilitam mostrar o funcionamento discursivo das narrativas da grife *Smilingüido*, ao instalar um espaço vazio que será lugar de inscrição da posição discursiva religiosa, pela repetição da enunciação primeira na forma do discurso direto livre. O funcionamento discursivo das narrativas mostra o trabalho da ideologia nos processos de modalização da linguagem para a inculcação da fé religiosa.

Segundo Orlandi (1993) o discurso religioso se caracteriza pelo desnivelamento fundamental entre o seu locutor e seu ouvinte: Deus – homem. Essa relação configura duas ordens de mundos diferentes: o plano espiritual que domina o plano temporal. Pois a fé determina os sentidos que

caracterizam o religioso e sustenta as possibilidades de interpretação. Observamos que os sentidos produzidos pelas narrativas da grife *Smilingüido* constituem-se por meio da identificação do sujeito-religioso com o ideal de mundo sagrado, que pela ilusão de reversibilidade entre os planos temporal e espiritual pode transcender ao mundo sagrado. Assim, observamos que o discurso religioso se faz representar através de diferentes formas de linguagem, para o doutrinamento da fé.

Na figura 1, observamos que o avião é o elo entre os planos espiritual e temporal. O objeto é sacralizado, sua forma e sua materialidade é apagada, pois o sentido que o reveste de "O Senhor ser o alto refúgio", mostra a intervenção do plano espiritual no seu cotidiano. Constatamos que nesses sistemas significantes: a inscrição e ilustração, ou seja, o verbal e o não verbal do discurso religioso, o que tem lugar de prestígio é o discurso verbal, como se tivesse precedência sobre o não-verbal. Portanto, o não-verbal é atestado pelo verbal, ilustrando o que está escrito, com uma linguagem divertida e colorida.

Isso significa dizer que não é de forma lúdica, pois como define Orlandi (1999), o discurso lúdico define-se pela polissemia de sentidos. No discurso autoritário, como o discurso religioso, a polissemia é contida, e assim o referente está apagado pela relação de sentidos posta sobre o mesmo objeto. Assim, o novo não está no que é dito, mas na forma de sua volta.

III – O VERBAL NO NÃO-VERBAL

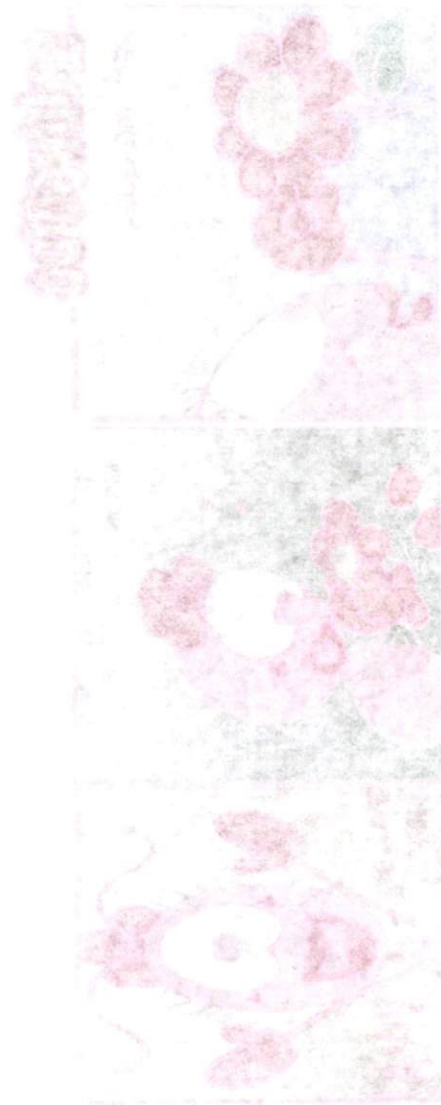
Como define Eliade (1992), o homem profano é o resultado de uma dessacralização da existência humana, esforçando por se “esvaziar” de toda religiosidade e de todo significado trans-humano. Analisando os processos de constituição dos sentidos do religioso, tomando como material de análise as inscrições religiosas dos produtos da grife *Smilingüido*, nossa questão centra-se no fato de que as nuances que douram a pílula, não mudam os sentidos desse discurso autoritário, que resiste a esta nova realidade social.

A turma do *Smilingüido* são personagens que, em diversos produtos da grife, conta o dia-a-dia em um formigueiro, onde todos aceitam as regras e seguem os ensinamentos do Senhor Criador. Observamos que a discursividade religiosa, por meio da motivação da forma e do colorido direciona os produtos *Smilingüido* a um público consumidor específico, instituindo a posição sujeito infantil religiosa.



Figura 2

Na figura 2, temos a personagem Fani segurando uma flor vermelha e puxando uma pétala, com a inscrição “Bem-me-quer...”. Esse primeiro quadrinho produz um sentido romântico, relacionando-se ao



trocadilho “Bem-me-quer, Mal-me-quer”. Contudo, no segundo quadrinho a personagem ao puxar as pétalas, fala somente “Bem-me-quer... Bem-me-quer...”. Só existe essa opção. A cor verde no fundo, ao contrário da cor azul do primeiro quadrinho, não destaca o vermelho da flor, e a neutralidade apaga o sentido romântico. O último quadrinho mostra a personagem gritando: “Viva!”, com a inscrição: “Jesus só me quer Bem!”.

A linguagem da grife apresenta-se de forma divertida e colorida, mas cumprindo o ritual próprio que aprisiona o ouvinte no lugar que lhe é atribuído, o de sujeito fiel. No caso, Jesus só pode querer que você esteja bem, e assim a personagem apresenta-se muito feliz.

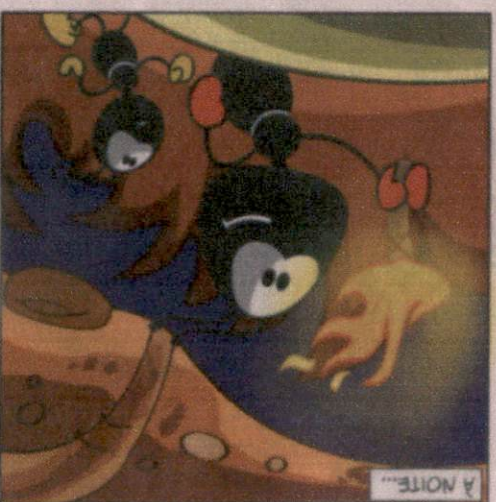
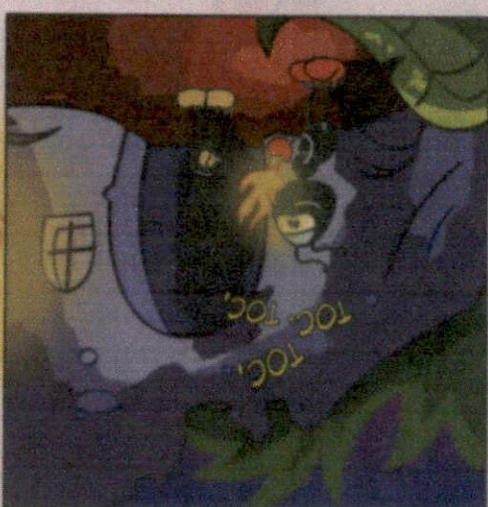
Diante da nossa realidade, em que nossa sociedade ignora a relativização da verdade, o discurso religioso, através de suas instituições, investe potencialmente em equipamentos, os mais desenvolvidos em tecnologias de linguagem para a divulgação da fé, e assim impõe a doutrina cristã à população infanto-juvenil de forma divertida e atraente. Como vimos, através de uma brincadeira que retrata a relatividade entre o Bem e o Mal, impõe-se um único sentido, uma única possibilidade, a do Bem.

O sujeito religioso aqui determinado é a expressão oficial da experiência de um pensamento unificado, pensamento de domesticação na pedagogia subjugada aos interesses de uma ordem religiosa. Como define Orlandi (1999), o fato de que há um “já dito” que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia. Pois a ilustração que se apresenta com uma linguagem infantil, se inscreve no caráter autoritário e pedagógico do discurso religioso.

Na figura 3, uma história em quadrinho “Uma pequena luz”, Smilingüido e Piriá ajudam um vaga-lume, o Sr. Holofot, a perder o medo do escuro. Através dessa narrativa, eles declaram ao professor que entenderam os ensinamentos sobre a luz do Senhor Criador.









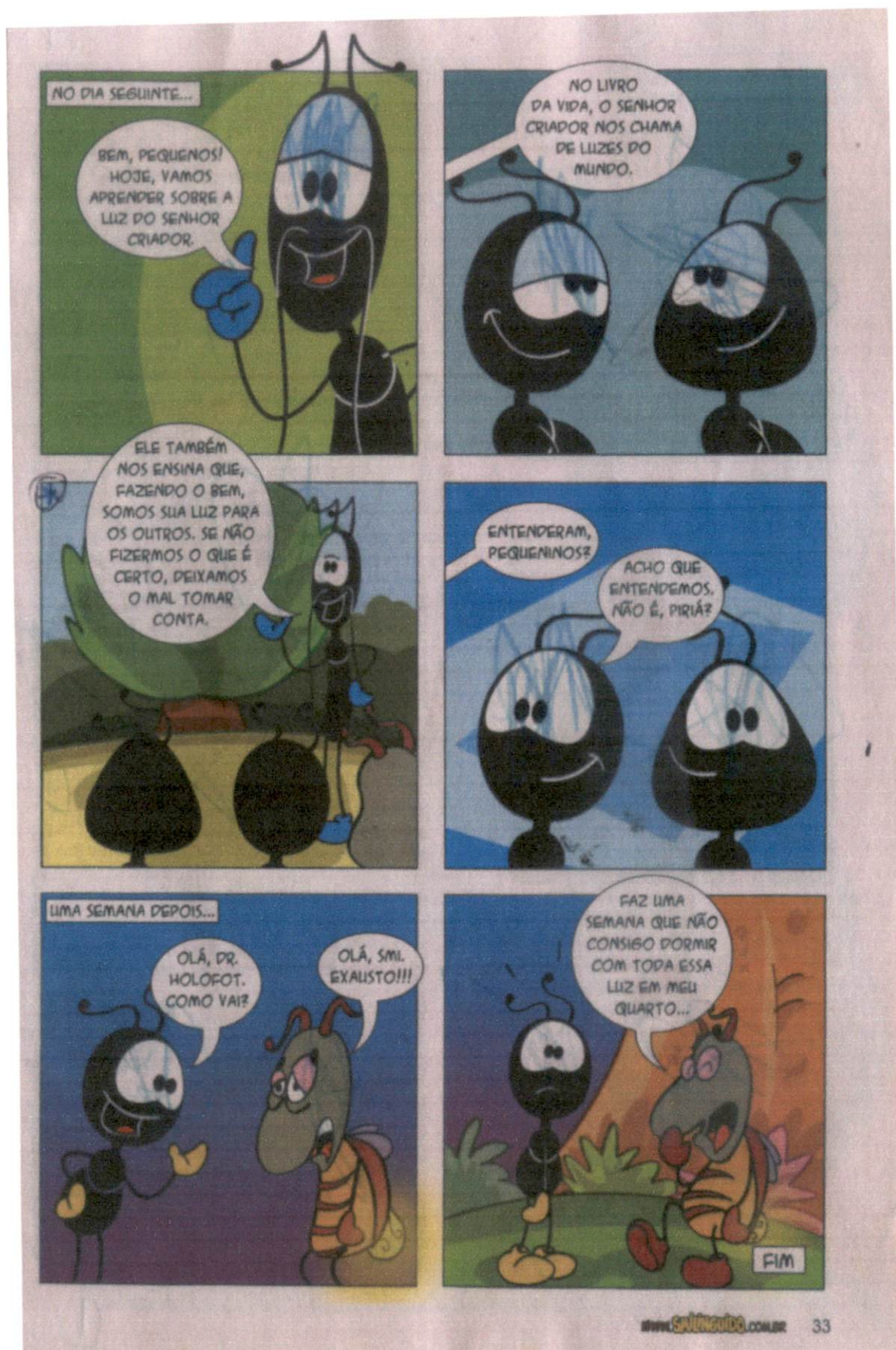


Figura 3

De forma atraente, a história traz uma analogia entre a luz do vaga-lume e a luz de Deus, ou seja, os ensinamentos de Deus, que devem ser seguidos. No final da narrativa, Smilingüido encontra o Sr. Holofot que estava exausto por não dormir há uma semana, devido a luz que possibilita interpretarmos que o vaga-lume não estava sendo a luz do Senhor Criador para os outros. Por não usar a sua luz, o vaga-lume deixou o Mal tomar conta.

Como ressalta Orlandi (1987) o conteúdo da ideologia religiosa se constitui de uma contradição, uma vez que a noção de livre arbítrio traz em si, a de coerção. Pois tem-se a opção de ser ou não a luz do Senhor, mas se optar por não fazer o bem, será punido e o mal toma conta. Observamos o funcionamento ideológico desse discurso religioso, no qual a narrativa retrata bem o medo e o terror do vaga-lume antes de conhecer e ser a luz do Senhor.

Considerando que para os que crêem, o discurso religioso é uma promessa e para os que não crêem, uma ameaça. Podemos relacionar a “Luz do Senhor” na narrativa com o “Século das Luzes”, quando com a descoberta da ciência a razão sobrepõe ao dogma. Delineando a formação discursiva e sua relação com a ideologia religiosa, compreendemos os sentidos desse dizer, no qual a luz dos homens deve estar subjugada a Deus, pois a narrativa exemplifica a punição no caso de transgressão, que é o mal tomar conta. O discurso religioso impõe uma dependência completa do sujeito, o desejo próprio deve extinguir diante da fé cega, para garantir o assujeitamento, pois no exemplo, não importa o medo e a vontade do vaga-lume sua vontade individual, ele deve simplesmente ser a luz para todos, seguindo os ensinamentos. Esse é o sentido, o “não-dito” que escutamos, o qual se inscreve na carga ideológica do discurso religioso.



Figura 4

A figura 4 trata-se de um adorno para cabelo, com a inscrição: “Deus supre todas as minhas necessidades”. Procurando compreender como o objeto simbólico produz sentidos, observamos o modo pelo qual a instituição religiosa controla e administra os sentidos para a criança, numa injunção com os discursos pedagógico e publicitário.

As palavras refletem sentidos de discursos já realizados, imaginados ou possíveis, pois é desse modo que a história se faz presente na língua. Buscando compreender a constituição dos sentidos do texto submetido à análise, ressaltamos que o apogeu da fé cristã é a extinção do desejo próprio, vemos na rede de filiação de sentidos e suas relações desenhadas pela ideologia, o compromisso ao dizer “Deus supre todas as minhas necessidades”, com uma submissão que caracteriza a ordem do discurso religioso.

Como afirma Orlandi (1987:15): “O discurso divino-eterno, já sempre lá – se realiza no sujeito pela sua total adesão. Ele reflete em si a palavra divina no sentido do espelho, da repetição. Ele não reflete sobre, nem sequer pode tomar distância”. Observamos que na formulação, a palavra “necessidades” e não “vontades”, significa um sentido que evidencia a extinção do desejo próprio.

Observamos o funcionamento do discurso direto livre, definido por Waldman (1989), no qual essa linguagem cristalizada mantém obscuro o espaço da enunciação, pois as marcas gramaticais são as de uma primeira pessoa, mas outra voz conta através dela. Pensando esse funcionamento, discursivamente, como na oração que instaura o espaço simbólico, entre o céu e a terra, constitui-se num grande investimento da ideologia religiosa, na qual o sujeito é possuído por uma narrativa estruturada de antemão, construindo um espaço híbrido, a partir do que já não se distingue quem é que fala. Esse funcionamento discursivo das narrativas da grife *Smilingüido* mostram o trabalho da ideologia nos processos de naturalização dos sentidos do religioso.

Verificamos que no discurso da grife ocorre uma modalização da linguagem, mas o peso da carga ideológica é o mesmo. Tomando distância para analisar a palavra e refletir sobre ela, observamos que a ilustração da formiguinha gorda devorando um grande sorvete, é divertida, mas é uma contradição em relação à palavra “necessidades”. A ilustração nesse desenho publicitário, busca conquistar, vendendo a idéia de que Deus supre as suas vontades. No entanto, a formação discursiva na qual se inscreve, constitui o sentido autoritário do discurso religioso que impõe a submissão, não prevalecendo o desejo próprio. Pois o sujeito é interpelado com sujeito livre, para que aceite livremente a sua sujeição.

Como já dissemos, o discurso religioso definido pelo desnivelamento na relação entre locutor e ouvinte: o locutor é do plano espiritual (Deus) e o ouvinte é do plano temporal (os homens). Trata-se de um discurso autoritário, que embora não haja reversibilidade de fato, é a ilusão de reversibilidade que sustenta esse discurso, ou seja, a ilusão de

movimento na relação de interlocução. Essa assimetria se mantém, pois essa relação não muda, não ocorre alteração do estatuto jurídico dos interlocutores, sempre temos a onipotência divina impondo a submissão humana. Diante dessa assimetria, os homens devem submeter-se às regras: ser bons, puros, ter fé, gratos, obedientes, etc... para serem ouvidos por Deus.



Figura 5

Na figura 5 o personagem Piriá segura uma bandeira branca escrita a palavra “Paz”, logo abaixo está a inscrição: “Com Jesus é possível”. Essa formulação produz o sentido, no qual a paz seria algo que não temos em nossa realidade brasileira, mas “com Jesus”, o que seria: aceitando as regras do religioso, essa paz é possível. É nessa direção que o discurso religioso tende fortemente para a monossemia, pois os sentidos não podem ser quaisquer uns. A ideologia determina o espaço de sua racionalidade pela linguagem, transformando a força em direito e a obediência em dever.

A personagem usa luvas e botas vermelhas, a cor vermelha traz em si uma memória de revoluções e guerras na história política dos partidos de esquerda, como também o sangue derramado nas guerras. A bandeira branca no alto remete a superioridade de Deus, ao seu poder, a ordem que deve ser atingida. Pois a fé religiosa se sustenta na manutenção do objeto de

desejo para o sujeito saber que está sempre acima de todas as decepções e de todas as contradições. Deus pode tudo e sabe tudo, os homens nada sabem, e portanto, eles devem ser totalmente dependentes ao inscreverem-se no discurso do aparelho religioso.

Constatamos que a definição do sujeito religioso considera um ser submetido, provido de liberdade para aceitar livremente a sua sujeição, pois uma assimetria fixa a relação que constitui o discurso religioso, caracterizado pela tendência da não reversibilidade, pois os homens não podem ocupar o lugar do locutor, o lugar de Deus.

Observamos na figura 1 o personagem Smilingüido voando em um avião sobre os seus predadores, dois tamanduás que atacam o formigueiro. A inscrição “O Senhor é um alto refúgio em tempo de angústia”, remete ao sentido de superioridade, onipotência de Deus acima do Mal.

De forma infantil e divertida, na ilustração a pílula é dourada, mas os efeitos são os mesmos, ou melhor, os sentidos produzidos são os mesmos. Vende-se a idéia de que não importa a ameaça ou o problema, a solução foi Deus quem providenciou, com sua onipotência divina. Tanto que a formiguinha providencia o avião para solucionar o seu problema, mas os méritos são de Deus, que determina sua vida, podemos relacionar essa onipotência do *Senhor*, com a cor branca do avião. Já a placa com o desenho de uma caveira, que está cravada na terra, remete ao terror, do qual todos podem refugiar-se no alto, na glória e onipotência do *Senhor*, pois “o Senhor é um abrigo para os que são perseguidos, ele os protege em tempo de aflição”. Sl. 9:9.

O avião que apresenta o refúgio mobiliza o sentido de submissão diante da onipotência do Senhor, determinado por um pensamento unificado, visando a domesticação por meio da inculcação de uma fé cega, para qual todas as soluções encontradas são obras de Deus.

Como ressalta Eliade (1999), visando expor a oposição entre o sagrado e o profano, o homem religioso se esforça por manter-se o máximo de tempo possível num universo sagrado. Assim, constatamos que nos sentidos produzidos pelos produtos da grife Smilingüido, sobrevive esse

pensamento religioso, apresentando uma experiência total da vida sacralizada, na qual toda a realidade é suscetível de revelar-se como sagrado, buscando sobreviver, seduzindo o homem privado de sentimento religioso, do homem que vive ou deseja viver, num mundo dessacralizado, por meio de uma linguagem modalizada.

A Bíblia Sagrada ilustrada com a turma do Smilingüido têm juntos a proposta de ajudar o sujeito leitor a ser amigo de Deus. Com páginas coloridas, cada ilustração acompanha uma sugestão de leitura com o mesmo tema no livro “Dia-a-dia com Smilingüido”, com o propósito de todos colocarem em prática os ensinamentos da palavra de Deus.

Uma das ilustrações da Bíblia, figura 6, traz o título “Deus é grande. Digno de temor”:

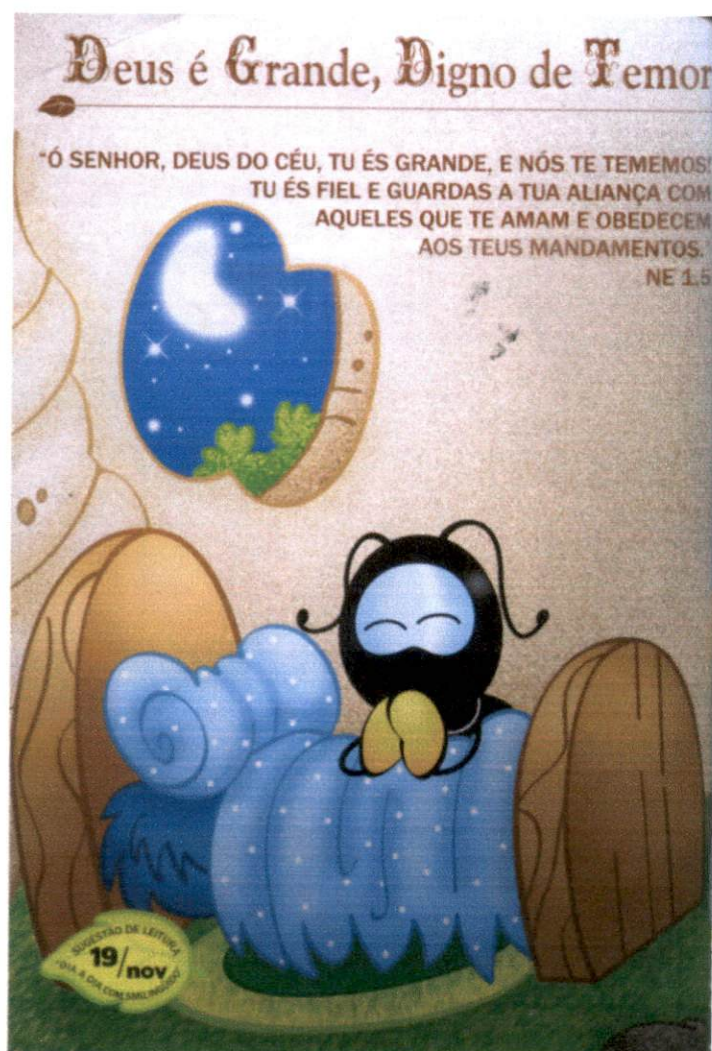


Figura 6

Smilingüido está ajoelhado na cama, logo acima temos a inscrição “Ô Senhor, Deus do céu, tu és grande, e nós te tememos! Tu és fiel e guardas a tua aliança com aqueles que te ama e obedecem aos teus mandamentos.” NE1:5. Observamos a contradição que constitui a ideologia religiosa, pois a noção de livre arbítrio traz em si, a de coerção. Deus é grande e todos devem temê-lo, pois “grande” remete ao sentido tanto de amor como de poder e dominação.

A janela é uma abertura que significa o desejo de transcendência, delimitando tanto o dentro e o fora, o mundo “temporal” como o “espiritual”. Com o formato de uma maçã, a fruta proibida do jardim do Éden, a janela re-atualiza a narrativa sagrada.

A habitação não é um objeto, uma máquina para habitar, é o universo que o homem construiu para si, imitando a criação exemplar de Deus, na ilustração, a habitação e a janela no formato de maçã equivalem ao começo primordial, à origem sagrada. O sujeito religioso vive assim em duas espécies de tempo, das quais a mais importante, o Tempo Sagrado, se apresenta sob o aspecto paradoxal de um tempo circular, reversível e recuperável, espécie de eterno presente mítico que o homem reintegra, como observamos na ilustração pela linguagem dos ritos.

O Tempo Histórico é valorizado no cristianismo, como define Eliade (1992), visto que Deus encarnou isto é, que assumiu uma existência humana historicamente condicionada. A história torna-se assim, suscetível de ser santificada. A história evocada pelos evangelhos é um tempo histórico em que Pôncio Pilatos era governador da Judéia, mas santificado pela presença de Cristo.

Quando um cristão de nossos dias participa da liturgia, volta a unir-se ao tempo sagrado, em que Jesus vivera, agonizara e ressuscitara, já não se trata de um tempo mítico, mas do tempo em que Pôncio Pilatos governava a Judéia. Assim, a história se revela como uma nova dimensão da presença de Deus no mundo. A história volta a ser a *História Sagrada*. Quanto ao pensamento religioso, das sociedades industriais, principalmente

a dos intelectuais, há muito que perdeu os valores cósmicos que possuía na Idade Média. Isto não implica necessariamente que o pensamento religioso seja “degradado” ou “inferior”, mas apenas que a sensibilidade religiosa encontra-se gravemente empobrecida. A liturgia cósmica da participação da natureza no drama cristológico torna-se inacessível aos cristãos que vivem numa sociedade moderna. Sua experiência religiosa já não é “aberta” para os Cosmos, é uma experiência estritamente privada.

O autor ressalta que a salvação é um problema que diz respeito ao homem e seu Deus. No melhor dos casos, o homem reconhece-se responsável não somente diante de Deus, mas também diante da história. Mas nestas relações: homem, Deus e História, o cosmos não tem nenhum lugar. O que permitiria supor que, o Mundo já não é sentido como obra de Deus. Observamos que a ilustração busca retomar a *História Sagrada* e a aliança, por meio de uma modalização da linguagem, visando sobreviver nessa nova realidade social, na qual a sensibilidade religiosa encontra-se gravemente empobrecida.

É interessante o fato de se tomar formigas como personagens. Refletindo o fato de serem minúsculas possibilita relacionarmos com a inferioridade dos homens diante de Deus e o perfeito funcionamento do formigueiro com o fato de ninguém questionar sua função. Trata-se de seres minúsculos e operários, que retratam o ideal de mundo cristão. Observamos que de forma muito sedutora e poderosa o discurso da grife Smilingüido seduz a todos, adultos e crianças, com uma publicidade da fé religiosa, que rompe os muros do espaço sagrado da igreja, no que poderíamos chamar de uma “divulgação” do discurso religioso, cumprindo do mesmo modo um seu ritual específico, para a inculcação da fé.

IV – FORMAS DE TRATAMENTO

Nas considerações de Cintra (1966) sobre as formas de tratamento da língua portuguesa, o autor ressalta que a própria estrutura da língua herdada ou aprendida pode moldar e molda muitas vezes, a maneira de ver o mundo daqueles a empregam. Ao traçar do ponto de vista histórico, a evolução das formas de tratamento, o autor afirma que a especialização de vários tratamentos esteve intimamente ligada à consolidação de uma sociedade dividida em estamentos ou camadas sociais de posição relativamente estabelecida.

Existia uma preocupação em manter viva por meio da utilização de um sistema lingüístico uma organização hierárquica da sociedade. Nessas reflexões sobre o sistema do português de Portugal, o autor define que as formas de tratamento se estruturam em formas de intimidade (tu), formas de igualdade (você) e formas de cortesia (Vossa Excelência), mas ressaltando que no Brasil o sistema está efetivamente reduzido a uma posição de dois membros: você / o senhor, ou seja, forma de intimidade e de reverência, considerando que “você” expandiu pelo terreno da intimidade, com prejuízo da forma “tu”.

Cintra (1966) afirma que o “vós” e a 2ª pessoa do plural permaneceram como relíquia de um estágio anterior, nas orações dos cristãos e de um modo geral, no modo de se dirigir a Deus: *Pai nosso, que estais no céu, santificado seja o vosso nome...*, o autor procura a causa dessa extrema degradação do “vós”, considerando as modificações operadas no conjunto do sistema. Pois a rápida ampliação do campo de emprego de *Vossa Mercê, de Vossa Senhoria e de Vossa Excelência*, ou seja, ao número progressivamente maior de pessoas a quem se tornou possível aplicar estes tratamentos de cortesia, correspondeu a uma redução do campo de emprego de “vós” e da 2ª pessoa do plural, que se tornaram naturalmente só utilizáveis para pessoas que não mereciam tanta cortesia como a que a utilização daquelas formas representavam.

Diante da forma lingüística “vós” considerada antiquada e fossilizada, Cintra aponta como única solução admissível a substituição pelo “tu”. Pois nem na recente reforma dos textos litúrgicos, ao proceder-se à tradução de novos textos e, sobretudo da missa para vernáculo, se ousou tocar neste aspecto e atualizar o que já era antiquado no século XVIII, ressaltando que a aceitação dessa substituição da 2ª do plural pela 2ª do singular, usado neste contexto durante toda a Idade Média, poderia contribuir para criar no diálogo entre o sujeito-cristão e Deus uma intimidade e um calor: “Venha a nós o teu reino, seja feita a tua vontade”.

Observamos na linguagem utilizada pela grife *Smilingüido*, como na Bíblia Sagrada que tem a proposta de uma tradução nova, em uma linguagem de hoje, essa busca pela intimidade do diálogo com Deus. Considerando que essa modalização da linguagem da grife seduz o leitor de forma insidiosa, constatamos que a forma de tratamento “tu” remete a proximidade com quem se fala e que não existe uma distância, busca-se cada vez mais aproximar o sujeito religioso dos ensinamentos cristãos. Trata-se de uma forma pedagógica da divulgação do discurso religioso, com uma “linguagem de hoje”, ou seja, com o objetivo de conquistar o fiel e não se impor a ele, pois a instituição religiosa não está mais no poder, assim, os meios empregados são outros. Objetivo este, que remete ao deslocamento no século XVIII da noção de *determinação* para a noção de *interpelação* do sujeito, o qual deixa de ser assujeitado pela religião para ter a intervenção do direito, da lógica e da identificação.

É importante observar que além das citações da Bíblia, as ilustrações da grife trazem o que poderíamos chamar de tradução dessas citações, como por exemplo na figura 6, cujo título “Deus é grande, digno de temor”, remete ao Livro Neemias (Ne 1:5) e observamos a ilustração da reverência do personagem diante do poder de Deus. Assim com essa linguagem divertida e infantil, o caráter autoritário e pedagógico do discurso religioso se impõe, mas de forma diferente, com “a linguagem de hoje”, ou seja, a linguagem que hoje é necessária para seduzir os fiéis. Pois a forma-sujeito-religioso é absorvida pela forma-sujeito-de-direito e o poder

determinado sai do texto, centrando-se no sujeito. Não que haja uma ruptura plena para a forma-sujeito-religioso para a assunção da forma-sujeito-de-direito, pois a determinação religiosa persiste. A ideologia religiosa é definidora dos processos de identificação do sujeito moderno, porém em diferentes instâncias, aos modos de sua interpelação, assim o discurso da grife *Smilingüido* é um exemplo dessa definição, numa injunção com os discursos pedagógicos e publicitários para o indivíduo que tem a ilusão de liberdade, aceitar livremente sua sujeição.

Observamos que na citação da Bíblia Sagrada Ilustrada com a turma do Smilingüido “Ô Senhor, Deus do Céu, Tu és grande, e nós te tememos! Tu és fiel e guardas a tua aliança com aqueles que te amam e obedecem aos teus mandamentos” (NE 1:5), ao usar a 2ª pessoa no singular, cria no diálogo entre o sujeito religioso e Deus intimidade e aproximação.

Esta relação é retratada pela ilustração, que apresenta o personagem Smilingüido na intimidade do seu quarto, em sinal de reverência conversando com Deus e a janela significa a aproximação entre Deus e o sujeito que o pronome “Tu” possibilita, pois não existe distância entre o locutor e o interlocutor.

A colcha da cama remete à transcendência ao plano sagrado, ao retratar o céu estrelado, expondo essa relação de intimidade entre os planos profano e sagrado.

Trata-se de uma interpelação religiosa, numa injunção com os discursos pedagógicos e publicitários, que cumpre rigorosamente com o ritual do discurso religioso ao capturar o sujeito no lugar já atribuído pela ordem discursiva religiosa e pedagógica fazendo este aceitar livremente sua sujeição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dissemos, a forma-sujeito da modernidade possui a ilusão de onipotência, tanto em relação à origem do dizer, porque não é a fonte, como em relação aos gestos de interpretar, pois os sentidos são produzidos historicamente. Assim, a ideologia religiosa busca diferentes instâncias para definir os processos de identificação do sujeito moderno, como verificamos no discurso da grife *Smilingüido* que remete às Sagradas Escrituras e assim repete os mesmos sentidos, usando de meios diferentes. O mesmo se repete diferentemente em diferentes textos e estes vão se sustentando e naturalizando os sentidos religiosos.

Como o sujeito não é mais determinado pela ordem religiosa e sim interpelado pelo controle do Estado, a ideologia religiosa atua nos diferentes meios e modos de interpelação do sujeito. Deus interpela o homem em sujeito fiel, assim constitui o sujeito religioso, para o qual o mal está sempre posto diante. Porém, ao serem interpelados por Deus, aqueles que ouvem Sua Voz viram as costas para o Mal e se assujeitam ao Bem.

Verificamos no discurso da grife *Smilingüido* o funcionamento do discurso direto livre, que instala um espaço oco, instaurando um lugar enunciativo religioso pelo efeito da enunciação primeira. Faz-se um comentário a partir do discurso fundador: as Escrituras Sagradas. Pois o não-verbal é atestado pelo verbal, que repete o já dito.

Diante da idealização de que seguem os ensinamentos cristãos, o procedimento usado, o comentário que repete o discurso Sagrado excluem a multiplicidade e o acaso, ou seja, exclui a possibilidade de questionamento e a relativização dos sentidos. Trata-se, portanto, de uma ilusão de reversibilidade, na qual ocorre a ilusão da passagem de um plano a outro. O mundo do *Smilingüido* é um mundo lindo, perfeito, que retrata o mundo espiritual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Eliana de. *Discurso religioso: um espaço simbólico entre o céu e a terra*. Campinas, SP: [s.n.], 2000.

CINTRA, Luis F. Lindley. *Sobre "formas de tratamento" na Língua Portuguesa*. Livros Horizonte: Lisboa, 1966.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano – A essência das religiões*. Martins Fontes: São Paulo, 1992.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 7ª Edição. Edições Loyola: São Paulo, 2001.

GADET, Fraçoise; PÊCHEUX, Michel. *A língua inatingível*. Tradução: Bethânia Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Pontes: Campinas, São Paulo, 2004.

GUIMARÃES, Eduardo. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da Linguagem*. Pontes: Campinas, São Paulo, 1995.

HAROCHE, Claudine. *Fazer dizer, querer dizer*. Tradução: Eni P. Prlandi. Hucitec: São Paulo, 1992.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípio e procedimentos*. Pontes: Campinas, São Paulo, 1999.

_____. *Discurso e Leitura*. 5ª edição. São Paulo, Cortez & Editora da Unicamp: Campinas, São Paulo, 2000.

_____. *Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos*. Pontes: Campinas, São Paulo, 2001.

_____. *Do sujeito na história e no simbólico*. IN: Contextos epistemológicos da Análise de Discurso. Revista Escritos nº 4 – Labeurb - Unicamp: Campinas, São Paulo, 1999.

_____. *A Linguagem e seu Funcionamento*. 2ª edição, Pontes: Campinas, São Paulo, 1987.

_____. *Efeitos do verbal sobre o não-verbal*. IN: Rev. RUA, 1 (35-47). Rev. do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI – março, 1995.

_____. *Palavra, fé, poder*. Pontes: Campinas, São Paulo, 1987.